

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho procura fazer uma analogia entre o pensamento Junguiano e a doutrina homeopática, mostrando que ambos podem ser complementares, devido terem a mesma finalidade.

Ambos são fenomenológicos, pois observam e buscam os resultados a partir da observação das experiências. São finalistas, pois não dão importância à causa e origem dos fatos, que podem até serem identificados, mas a finalidade é a busca da integração do indivíduo em sua totalidade e o movimento que os conteúdos emocionais fazem para essa transformação.

O objetivo do trabalho é aprofundar o estudo homeopático e seu método de tratamento a partir do conhecimento do pensamento Junguiano. O curso de pós-graduação ajudou-me a conhecer alguns de meus próprios conteúdos e a partir disso facilitou o entendimento e a percepção da realidade do paciente, no meu trabalho.

TOMAS PASCHERO, médico homeopata, sempre expressou a ideia de que para realizar uma medicina holística é necessário que o médico, antes de mais nada, conheça sua intimidade e seus fatores emocionais e assim terá liberdade de ser imparcial, livre de preconceitos e com isso se comprometer. É um ideal a ser mencionado e aprendido.

A primeira parte do trabalho é relacionada à cura homeopática que significa equilíbrio da tendências mórbidas ou miasmáticas, a partir da força de atuação do medicamento homeopático que aumenta a força vital. O pensamento de HAHNEMANN quanto aos ideais de cura buscando os mais altos fins da existência, mostram a intencionalidade do tratamento homeopático.

A segunda parte da monografia refere-se ao processo de individuação, à necessidade de integração ego-self para a descoberta do indivíduo e de suas potencialidades, e à percepção da limitação do ego apenas como parte consciente do todo. A importância das figuras do inconsciente no processo de individuação, descritas por JUNG, o papel da persona, a identificação com o animus e anima e o confronto com a sombra, que é a parte desconhecida de si mesmo.

Interessou-me pensar como um processo homeopático chamado Pulsatilla contribuiria para o processo de individuação, relatado e analisado em um terceiro capítulo. Esse interesse surgiu devido ao fato de eu ter utilizado este medicamento por muito tempo, devido à prescrição de meu médico homeopata. A partir daí encontrei semelhança dos traços característicos de pulsatilla com a Puella, versão feminina do puer aeternus e com um dos complexos maternos descrito por JUNG, em suas obras completas, do tipo identificação com a mãe. Não afirmo que o complexo materno descrito seja a origem dos sintomas apresentados por Pulsatilla, poderia ser um dos possíveis complexos pela similitude encontrada. Após essa identificação fiz uma análise dos conteúdos que devem ser integrados para a transformação de uma personalidade do tipo Puella ou Pulsatilla e de como o remédio homeopático Pulsatilla contribui para o processo de individuação, sua ação energética e seu resultado.

A psicologia analítica e a homeopatia são métodos que possuem semelhanças e são complementares. A ação do remédio na energia do complexo é similar a conscientização destes conteúdos na análise Junguiana, pois ambos despotencializam a energia dessas emoções permitindo que o indivíduo se conheça, se observe e consiga trabalhar-se interiormente para transformar conteúdos que impedem a expansão e o desenvolvimento da personalidade.

2. A CURA HOMEOPÁTICA

Segundo o primeiro parágrafo do ORGANON, que contém a doutrina e os princípios homeopáticos “ a única e nobre missão do médico é a de restabelecer a saúde do indivíduo, que é o que chama-se curar”.

A homeopatia é uma ciência holística, que trata o todo, fenomenológica, pois observa e busca encontrar os resultados nos fenômenos e nas experiências, e finalista, não causal, ou seja, busca o equilíbrio e a totalidade do indivíduo, não se importando com a causa das doenças.

A homeopatia trata o doente e não a doença no homem. Ela percebe que existe algo que antecede a doença. Para HAHNEMANN “ O Homem doente é anterior ao corpo doente”. O Homem é um ser psíquico, espiritual e biológico. Sente, pensa, vive, tem vontade e entendimento que produz vida e ação e constrói o corpo. “Vontade e entendimento em harmonia produzem a saúde no organismo.”

Segundo HAHNEMANN o dever do médico não é apenas recuperar a saúde dos órgãos e tecidos, mas manter todo equilíbrio no interior do organismo, que inclui vontade e entendimento, ou seja, escolha e consciência de si mesmo. As mudanças nos órgãos e tecidos são consequência do desequilíbrio de todo organismo.

Através da observação da experimentação dos remédios homeopáticos no organismo são, HAHNEMANN observou que os sintomas mentais foram os mais importantes e os primeiros a se manifestarem. Por ser o indivíduo um ser emocional, que pensa, que ama, se houver uma desunião em seu aspecto psíquico ocorre o desequilíbrio, a doença e a morte.

Todo medicamento homeopático afeta e age no indivíduo em seu modo de pensar e querer e posteriormente nos seus órgãos, tecidos, funções e sensações.

No que se refere à cura o segundo parágrafo do ORGANON cita: “ O mais alto ideal de cura é o restabelecimento pronto, suave e permanente da saúde; é a eliminação da doença em toda sua extensão pelo caminho mais curto, mais seguro e menos danoso”. Restabelecer a saúde é colocar em ordem o indivíduo doente e não apenas o desaparecimento dos sintomas.

O indivíduo possui em seu interior a energia vital ou força vital que mantém todo o organismo em equilíbrio. Segundo o parágrafo 9 do ORGANON: “ No estado de saúde a força vital que anima dinamicamente o corpo material (organismo) governa com poder ilimitado e conserva todas as partes do organismo em admirável e harmoniosa função vital, tanto com respeito às sensações como às funções , de modo que o espírito dotado de razão que existe em nós pode empregar livremente este instrumento vivo e sadio para os mais altos fins da nossa existência”. A força vital atua em todo organismo psíquico e físico mantendo o estado de saúde. Porém essa força vital por si mesma não consegue superar as mais tênues doenças e seus efeitos agressores, somente opõe uma resistência igual e muitas vezes sucumbe aos agentes agressores, à custa de sofrimento. O remédio homeopático atua aumentando a força vital para que esta se torne superior a qualquer agente agressor ,que pode ser psíquico, ambiental, físico, climático etc. e à doença.

Já que a mente, a emoção, o pensar, a vontade são os primeiros a entrarem em desordem na doença, são também os primeiros a entrarem em equilíbrio frente às manifestações externas. O equilíbrio se dá do centro para a periferia, do interior para o exterior, de dentro para fora, de cima para baixo, dos órgãos mais importantes para os menos importantes, ou seja, da mente até órgãos importantes como sistema nervoso, coração etc e por último pele e unha. Esta é a chamada lei de HERING, um homeopata que observou o movimento de restabelecimento do equilíbrio no organismo, para observação do prognóstico

e do movimento da doença. Por isso muitas vezes consideramos a melhora do paciente quando ele encontra-se ativo, com equilíbrio de suas emoções e seus instintos, ainda que apresente, por exemplo, bronquite ou febre. No tratamento homeopático observamos o equilíbrio quando o paciente refere sentir-se bem com ele mesmo, ainda que apresente sintomas físicos. De acordo com o órgão afetado vai havendo o desaparecimento gradativo dos sintomas.

O indivíduo adoece de duas maneiras: uma súbita, rápida, aguda, por alteração de sua força vital, com um curso mais ou menos rápido, que é chamada doença aguda e um outro modo de início insidioso, quase imperceptível, que afeta a dinâmica do funcionamento do organismo alterando o estado de saúde. A energia vital que mantém o equilíbrio e a saúde é afetada até que o organismo seja destruído. São as doenças crônicas que provém do miasma crônico.

Os estados de desequilíbrio prolongados são considerados na homeopatia como doenças crônicas, que nem sempre respondem satisfatoriamente ao tratamento devido a persistência, recidiva e periodicidade dos sintomas. HAHNEMANN estudou mais profundamente estes casos e expôs a teoria miasmática ou teoria dos miasmas crônicos.

O termo miasma refere-se ao miasma da malária, algo contagioso ou suspenso no ar. São todas as tendências e predisposições que existem no universo. São predisposições exageradas à padrões estabelecidos, não explicáveis, que pertencem a todos. Podem ser congênitos, adquiridos e até genético e faz com que o organismo reaja a certos estímulos externos como expressão de sua suscetibilidade.

Os três miasmas fundamentais são chamados PSORA, SICOSE e SÍFILIS. Existe uma disposição alérgica relacionado à psora, uma disposição proliferativa à sicosose e uma destrutiva relacionada à sífilis.

Os miasmas são etapas fisiopatológicas de um desequilíbrio inicial que progride

devido a noxas diversas. Noxa é todo agente causador de doença podendo ser um ambiente hostil, agressões, epidemias etc. O organismo agredido reage através de alterações celulares e descargas de toxinas com desorganização das funções celulares. Essa alteração no metabolismo celular constitui a psora, por exemplo, inflamações agudas. Se o organismo se mobiliza não por descargas, mas por uma hiperfunção na reprodução e multiplicação celular causando excesso instala-se a sicose, por exemplo nevus, verrugas, hipertrofia cardíaca, obesidade etc. Um processo mais agressivo em que a capacidade de defesa do organismo for ultrapassada, causando destruição nos tecidos, indica o estado miasmático sífilítico, que é um estado mais grave, por exemplo úlceras e toda destruição de tecidos. Quanto às alterações mentais, as manifestações da psora são as emoções primárias como ansiedade, medo, angústia; As reações mais exacerbadas como medo irracional, idéias fixas, depressões assim como as atitudes de crueldade, de cólera e mentira estão relacionadas á sicose. A sífilis, mais destrutiva, traduz-se por manifestações psíquicas mais violentas como ódio, ciúmes infundados, cólera e desprezo por si e pelos outros, com perturbação nas idéias, no raciocínio, na imaginação e na razão.

O miasma é incurável pois a psora é incurável. A psora é a doença original comum à humanidade (1999,p.41 – 5ª edição). É a mais antiga e a mais universal das doenças miasmáticas crônicas. HAHNEMANN estudou-a profundamente, desde a época de Moisés, sendo a psora citada na Bíblia como a lepra e posteriormente a sarna (itch) (1835,p.42), que seriam as manifestações externas da psora, de onde vem todas as doenças crônicas da humanidade, desde deformidades ósseas, sangramentos e alterações menstruais, suores noturnos, constipações intestinais, diarréias, convulsões, epilepsia, alterações dos sentidos, da mente, alterações sexuais, ou seja, as doenças da alma, da mente e do corpo encontram na psora sua origem e sua fonte (1835,p.42). Em seus estudos

HAHNEMANN observou que o pesar e a contrariedade prolongados estimulam em breve tempo a psora adormecida tornando manifesto seus sintomas.

A homeopatia tem a finalidade de promover o restabelecimento energético, para manter o estado de saúde. O remédio escolhido será o que possui as características patogenéticas semelhantes aos sintomas apresentados pelo organismo. Segundo HAHNEMANN duas forças não ocupam o mesmo lugar no organismo, de modo que a mais fraca sucumbe à mais forte. O remédio homeopático atua aumentando a força vital de modo que esta vença e se torne superior à força de ação dos agentes agressores. O remédio é diluído e dinamizado para que desperte as propriedades medicinais em seu interior, que passam a ser mais excitadas e desenvolvidas permitindo a liberação da parte mais sutil e energética dos poderes medicinais das substâncias. Estas atuam profundamente na energia vital restaurando o equilíbrio e a saúde. Essa é a cura homeopática. A cura, que é o equilíbrio, observamos no desaparecimento dos sintomas clínicos, no equilíbrio miasmático das tendências de adoecer, e em um nível pessoal na mudança de atitude vital, que é o que HAHNEMANN chamava de altos fins da existência.

3. INDIVIDUAÇÃO

Inicialmente o conceito de inconsciente era relacionado aos conteúdos que foram reprimidos durante a infância e os que foram esquecidos e considerados como pessoal.

JUNG ampliou esse conceito referindo-se ao inconsciente relacionado as experiências pessoais, porém com uma outra parte mais profunda inacessível, que pertence à todos, chamando-a de inconsciente coletivo. Este é inato, filogenético, ou seja, pertence à espécie, comum a todos. Os conteúdos do inconsciente coletivo são os arquétipos que são tendências de representações simbólicas, formas de intuição e percepção, que pertencem a todos, expressos através de imagens, nos sonhos, nos mitos, e nas fantasias e que dão significado à vida psíquica. Em torno dos arquétipos existem os complexos de tonalidade afetiva que são conjuntos de emoções carregadas de energia que podem assumir o lugar do ego quando constelados, ou seja, quando estão cheios de energia na mente. O indivíduo sente como se por um momento não fosse ele mesmo. É um impulso inconsciente, automático, de acordo com a história de vida de cada um, através das experiências adquiridas carregadas de emoções. Por ser inconsciente o conteúdo do complexo é projetado no outro como se fosse à respeito do outro. Nas projeções, quando a carga emocional é grande, o conteúdo é relacionado ao próprio indivíduo, que também pode ter um aspecto positivo como as paixões, a admiração por alguém, um fascínio por algo. Todo complexo tornando-se consciente torna-se construtivo pela possibilidade de mudança no modo que ele se expressa. Os complexos não conscientizados são projetados na sombra.

O entendimento da psique, o encontro consigo mesmo só é possível através da conscientização da personalidade, mas nem tudo pode ser compreendido pois a personalidade abrange o inconsciente, em sua totalidade, sendo o ego apenas uma pequena parte deste todo. O ego é apenas uma parte que pensa ser o todo por ser consciente. O todo, o Si mesmo, JUNG chamou de Self. O ego está para o Si mesmo assim como a parte está para o todo. O ego é uma parte do Si mesmo, é a parte do todo consciente.(2000, p.187)

O inconsciente possui um centro dominante como o ego, que é o Si mesmo. Ele é mais abrangente e universal, incompreensível. Os sonhos são um exemplo disso por muitas vezes aparecerem sem ordem e de um modo involuntário .

O ego é subordinado a esse todo e pode sofrer mudanças a partir do momento que percebe não ser o centro da psique e começa a relacionar-se e a integrar-se com outros elementos do inconsciente, durante o processo de individuação.

Individuação é o processo de encontro consigo mesmo, com a totalidade, sendo esse o grande objetivo de nossas vidas. Contudo, conhecer o Si mesmo e todo o seu potencial é um processo impossível de ser alcançado, pois nem todas as potencialidades e suas possibilidades podem ser realizadas na vida de um indivíduo. Sendo assim, o caminho da individuação e sua busca torna-se mais importante que sua meta propriamente dita. É um caminho que está sempre em construção e que avança porém não tem um fim a ser alcançado.

A individuação pertence à todos. É um caminho natural, pessoal e individual. A análise acelera seu início por possibilitar maior integração entre ego e Si mesmo. No processo de individuação o sujeito conhece algumas de suas potencialidades e se diferencia do outro, mas a partir da experiência de identificação com o outro, com o coletivo. O ego percebe sua limitação e deve transcender a imagem que faz de si. Ele se identifica e também não se identifica mais com a imagem que tem de si, pois percebe que é mais abrangente, que há algo

maior, o Si mesmo. Esse é um processo doloroso mas que posteriormente torna a vida mais plena.

Outros elementos são integrados no encontro consigo mesmo. JUNG chamou-os de figuras do inconsciente: Sombra, persona, par anima/animus, que possibilitam o entendimento da vida psíquica. São figuras arquetípicas universais com arranjo de complexos que se relacionam entre si, de acordo com a história de vida de cada um. Descobrir essas figuras do inconsciente no seu interior liberta o indivíduo dos padrões aprendidos, familiares, negligenciados da personalidade que interferem no desenvolvimento de sua potencialidade.

À persona Jung chamou de máscara, que é o papel que o indivíduo desempenha no mundo, uma adaptação à realidade exterior. São os valores iniciais e expressões de comportamento aprendidos desde a infância para vivermos o coletivo, de acordo com as exigências culturais. O sujeito pode vestir-se com essa proteção e aparência, mas deverá aprender que a individualidade não é viver apenas esse papel social, o ego deverá ser adequado.

EDWARD WHITMONT faz referência à doença de pele relacionada à persona rígida demais, em que falta ao indivíduo uma distinção entre a “pele individual” e as “vestes coletivas”, e ele se encontra em um processo como se a pele não pudesse mais respirar. Doenças de pele podem coincidir com essa realidade. Lembrou-me uma paciente de 56 anos, bem sucedida no trabalho e financeiramente, esteticamente impecável em seu traje e seu penteado, que apresentou um câncer de pele, melanoma e mesmo diante do diagnóstico, da extirpação cirúrgica do tumor, e da quimioterapia oral breve, permaneceu sempre com o mesmo ar sofisticado, sem sinais aparentes de sofrimento.

À primeira vista o ego se desenvolve através da persona porém, durante o processo do encontro ego e self, o papel da persona torna-se restrito, sendo apenas uma parte da identidade.

A Sombra é a parte do inconsciente da personalidade que o ego tende a ignorar ou rejeitar. Possui todo conteúdo não conhecido pelo ego que deverá ser re-trabalhado e adquirir uma nova dimensão frente ao ego. Não quer dizer sombrio, negativo. Pode ser positivo quando conscientemente nos identificamos com algo negativo. Geralmente projetamos no outro, na nossa visão do outro. O que não gostamos ou nos incomoda muito no outro é conteúdo da nossa sombra. Por exemplo, uma personalidade homeopática pulsatilla tem característica de ser emocionalmente dependente, e um de seus conteúdos a ser trabalhado, a sombra, é a autonomia emocional. JUNG nos diz que integrar e acolher a sombra “conduz à modéstia de que precisamos a fim de reconhecer a imperfeição, e essa consideração e reconhecimento consciente que são necessários onde quer que se estabeleça um relacionamento humano”(2000, p.) .

Outra figura do inconsciente é o animus, que representa a masculinidade inconsciente na mulher enquanto que a anima , o lado feminino no homem. Quando inconsciente a mulher projeta o animus, ou seja, seu padrão emocional de autoridade no mundo externo, a partir da sua relação com o homem, seu pai , irmão, amigo ou algum modelo masculino, nas figuras do herói , do sábio, o puer (filho), o pai., quando presentes em situações que requeiram iniciativa, atitude, autoridade, ação, racionalidade, a partir de seus próprios valores e argumentos.

A mulher possuída pelo animus projeta no homem o seu valor de autoridade. Sem ele não reconhece em si mesma sua capacidade de realização, atitude e raciocínio. O animus é projetado para fora. São mulheres que possuem argumentos dogmáticos ao invés de buscarem suas verdades interiores. Em uma discussão, preocupam-se em estarem certas e não na reflexão sobre o conteúdo em questão. Um exemplo de projeção do animus é o conto de fadas da Bela Adormecida, em que a princesa permanece dormindo, ou seja, inconsciente,

até que um dia o príncipe, o herói, a desperte, ou seja, o ego, a autoconsciência seja estruturada a partir do animus.

A projeção do animus está presente na base de qualquer relacionamento, mas se persistir, torna a relação irreal. A integração do animus requer um confronto consciente, assim como para o homem, integrar a anima significa ser receptivo, desenvolver suas emoções. Integrar o animus é assumir o potencial de iniciativa, racionalidade, independência e responsabilidade sobre si mesma. A mulher tem que aprender a lidar com os conflitos e enfrentá-los questionando-os e compreendendo-os, não apenas aceitando-os passivamente. Isso não significa seguir a um movimento feminista competitivo, de luta pelos direitos iguais entre homem e mulher, pelo contrário, integrar esse potencial é poder vir a tornar-se mais completa. A partir daí afirmar-se como mulher.

Segundo JUNG (2000,p.193) a maturidade e o desenvolvimento exigem um confronto entre o ego e o Self, já que este tem necessidade de transformar o ego.

O confronto com a sombra mostra ao indivíduo o que ele não pensa ser. Geralmente ocorre quando a vida fica estagnada e começam as dúvidas sobre os próprios valores. É necessário aceitar o que foi reprimido e ignorado, fundamental no auto conhecimento, o que não é fácil, pois trata-se de lidar com uma parte da personalidade desconhecida, como as fraquezas, os atos de crueldade ou obstinação, o egoísmo. Quando a sombra é percebida, revela-se frequentemente em figuras oníricas, e muitas vezes se apresenta na atitude precipitada, impulsiva. A atitude de integrar a sombra é acolhê-la, conhecê-la, compreendê-la, pois quanto mais rejeitada e reprimida, maior seu crescimento no inconsciente.

A anima e o animus também mostram o impulso aos diferentes padrões. Integra-los é reconhecer o que está “dentro” e o que está “fora” e discriminar sua projeção nos relacionamentos. Mas o confronto com o Self é o maior desafio no processo de individuação: O Self como meta porém sem ser alcançado. O Self é a totalidade da psique. É o centro e o

conteúdo da personalidade que geralmente se expressa através das imagens oníricas dos sonhos, por símbolos.

O símbolo é uma imagem que indica algo desconhecido. Age como um mecanismo de liberação e de transformação de energia que liga o consciente ao inconsciente, como uma ponte, pois seu contato com o inconsciente mobiliza sempre uma carga energética contida nos arquétipos para o consciente. Possui muitos significados e deixa de ser símbolo se for interpretado.

JUNG descreve o símbolo como numinoso, algo divino, dando-lhe portanto um caráter religioso, quando atua relacionando o consciente aos conteúdos dos arquétipos mais profundos. O símbolo é um intermediário que liga os opostos.

As mudanças que ocorrem na psique devido às transformações do ego são conscientizadas por meio dos símbolos, sendo que estes se tornam criativos quando experienciados, pois é como se o consciente soubesse lidar com o inconsciente, ou seja, a integração ego-self. Um dos objetivos da análise junguiana é tornar consciente o processo simbólico, porém o símbolo inconsciente é vivido mas não percebido. A imagem simbólica atua como transformadora de energia e com isso eleva as necessidades instintivas, dá significado às experiências e humaniza (1969,p.197).

O Self como totalidade permite um constante desenvolvimento da personalidade, a partir de potencialidades inatas.. O processo de individuação é como um acordo entre essas potencialidades e a vida externa. Mas essa experiência é possível quando o ego aceitar o Self como o grande centro da psique, permitindo um impulso criativo interior de crescimento, único, pois a maneira de auto-realização e auto –transformação é individual.

4. HOMEOPATIA E INDIVIDUAÇÃO

4.1. COMO A PERSONALIDADE HOMEOPÁTICA PULSATILLA CONTRIBUI PARA O PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO.

A Homeopatia permite o equilíbrio energético do indivíduo para que este se conscientize de si mesmo e inicie um processo de auto-conhecimento e se expresse em todas as suas manifestações psíquicas e orgânicas, buscando o equilíbrio dessa totalidade. Nisso assemelha-se à psicologia analítica. Ambas tem caráter fenomenológico e finalista, com a meta do encontro consigo mesmo.

A partir do estudo do pensamento Junguiano interessou-me pensar como um processo homeopático denominado pulsatilla, com todas as suas características peculiares, seus sintomas emocionais e sua personalidade, poderia contribuir para o processo de individuação, além do restabelecimento de seu equilíbrio energético através da administração do seu Simillimum.

Pulsatilla tem uma personalidade feminina, podendo também ser encontrada no homem, dependente do outro e do seu afeto, com forte sentimento de abandono, necessidade de afeto, vazio e solidão.(ver apêndice)

No livro Pais e filhas, Mães e filhos VERENA KAST (1997,p.155) cita sintomas de vazio, solidão e dependência afetiva, referindo-se ao aspecto negativo do complexo materno na mulher. Nos repertórios homeopáticos GUESH (2001) e ARIIVALDO (2002), encontramos as rubricas repertoriais : Abandono-não se sente amada; Ilusão de estar só no mundo; Sensação de vazio; Afeto- necessita, referentes à Pulsatilla, sintomas semelhantes aos descritos por VERENA KAST.

O Complexo materno na filha descrito por JUNG (2000, p.98) do tipo identificação com a mãe se enquadra em uma possibilidade de identificação com os sintomas mentais de Pulsatilla. Não afirmo que todo processo pulsatilla origina-se do aspecto negativo do complexo materno e nem que a privação do amor materno criou o conjunto de sintomas chamado homeopaticamente de pulsatilla, apenas há similitude nas características do complexo, que se enquadram nos sintomas do remédio.

JUNG descreve que no complexo materno do tipo identificação com a mãe, por falta de Eros e conseqüente bloqueio do instinto feminino, ocorre uma projeção da personalidade da filha sobre a mãe, que tornando-se dependente da mãe, vive na sombra desta, inconsciente de si, sob uma máscara de lealdade e devoção. São mulheres vazias, moldáveis, atraentes apenas pelo seu “afeto” e delicadeza. Assemelha-se ao mito de Perséfone que foi raptada de sua mãe por Plutão e levada ao mundo subterrâneo onde lá permanece sem força de ego e de desenvolvimento do animus.

O mito conta que no Olimpo, lugar onde os Deuses moravam, Deméter casa-se com Zeus e geram Core. Um dia Core está brincando em Elêusis, lugar onde moram os mortais, e vê uma flor de narciso e ao cheirá-la, a terra se abre e Plutão vem em uma carruagem e rapta Core levando-a para o Hades, que é o mundo dos mortos. Zeus pede a Hermes o Deus mensageiro, que desça ao Hades para convencer Plutão a devolver Core. No Hades, Core come uma romã e transforma-se em Perséfone, esposa de Plutão e a partir daí passa um tempo de sua vida no Hades e outro tempo poderá retornar à sua mãe. Deméter é a mãe terra, protetora, Perséfone é a rainha do mundo dos espíritos e vive no Hades, que representa os conteúdos mais inconscientes. Plutão é o rei do Hades, que rege o inconsciente. É um mito que se refere à pessoas que permanecem na dependência de outros, como no caso de Perséfone que permanece dependente da mãe e do marido, e com isso recusa-se a crescer e assumir sua individualidade.

Jung descreveu o aspecto psicológico da Core em suas obras completas. Refere que Deméter e Core, mãe e filha totalizam a consciência emocional, a partir do arquétipo feminino, pois toda mãe possui em si a filha e toda filha possui em si a mãe. A figura da Core quando observada na mulher pertence à personalidade ‘supra ordenada,’ que é o ser humano em sua totalidade. Toda figura psíquica possui seu aspecto bipolar, oposto, assim toda psique materna contém a filha e toda psique da filha contém a mãe. No mito a influência feminina sobrepujou o masculino e esse só tem significado como raptor (2000,p. 188). O aspecto positivo desse mito é a possibilidade de integração do arquétipo do feminino consciente, que parte da relação mãe e filha, a partir de um trabalho interior. Todo sentimento do feminino na filha vem do modelo e da relação com sua mãe. E toda relação mãe e filha tem suas falhas, seja na falta de intimidade ou na dependência.

No complexo descrito por JUNG, Tudo o que se relaciona à responsabilidade, vínculo pessoal e necessidade erótica leva à sintomas de inferioridade e que leva a filha a fugir para a proteção e dependência do que é materno (2000,p.198).

Pulsatilla, sempre com sintomas contraditórios, tem medo do sexo oposto e aversão ao casamento e ao compromisso, porém tem necessidade de ser amada e de receber carícias, que aumentem seu narcisismo, ao invés de participar de um ato recíproco. Pulsatilla busca afeto, proteção, consolo e dependência.

Quadro semelhante observamos na Puella, a eterna menina, versão feminina do Puer aeternus. O Puer aeternus é o nome de um Deus da antiguidade que significa eterna juventude. O homem que se identifica com o arquétipo do Puer permanece psicologicamente na adolescência, com dificuldade nas relações afetivas e no trabalho, por viver um mundo de fantasias. Um exemplo clássico de Puer é o pequeno príncipe de Saint Exupery e o conto de fadas Peter Pan. O aspecto negativo do Puer está relacionado ao complexo materno, em que o homem projeta e busca a Deusa mãe em todas as mulheres..

A Puella adquire sua identidade a partir da projeção dos outros sobre ela, pela inconsciência que tem de si mesma. Pode ser a mulher fatal, a boa filha ou boa esposa, a princesa ou até a heroína. Seu padrão é o apego que reforça a dependência do outro. Existe uma dificuldade em responsabilizar-se sobre si mesma, por tomar decisões. É o outro que se responsabiliza por isso. São mulheres sonhadoras que vivem no mundo de possibilidades.

Inseguras, instáveis e com falta de confiança em si mesmas, enfim com o ego débil. Segundo Maria Louise Von Franz, o aspecto negativo do complexo paterno pode fazer o inconsciente criar a imagem do homem ideal e a partir daí projeta seu ânimo fora, no outro, todas as possibilidades, supervalorizando o outro, tornando-se incapaz de descobrir quem é. (1991,pg181).

Além de administrar o simillimum para o equilíbrio energético, o primeiro passo para a transformação desse padrão é o confronto com a sombra e a conscientização que existe um poder maior que é o Self. O confronto com a sombra revela a necessidade da autonomia emocional, independência e de se tornar responsável por si mesma. A sombra está vinculada ao poder com consciência e responsabilidade e a questão é escolher aceitar essa força interior. Reconhecer e viver o amor por si mesma e não depender do afeto do outro.

JUNG relata que para esta possibilidade de transformação é necessário a permanência no vazio, que é típico feminino, o abissal, o yin, que poderá ser preenchido a partir do mistério poderoso do feminino.(2000,p.106).

Porém toda transformação é um processo que evolui continuamente, por isso a necessidade da escolha. Enfim, para início do processo de individuação, Pulsatilla ou Puella deve renunciar seu apego à inocência, à dependência, através desta escolha e aceitar sua força, valorizando-se. Integrar seu animus como um modelo de autoridade interior, de ordem e de auto-disciplina. Internalizar essas idéias e concretiza-las em si mesma. Ter consciência e coragem da tomada de decisão, saindo da identidade de vítima. Descobrir planos pessoais e

profissionais e elaborar sua própria identidade. Descobrir quem realmente é através da autotransformação comprometendo-se consigo mesma. Com isso a inocência de menina irá se manifestar no feminino espontâneo com possibilidade de experiências produtivas e criativas, ou seja, de experiências que transcendam e que despertem a consciência de um ser humano feminino, mas ao mesmo tempo forte e independente, com poder e autoridade interior.

Pulsatilla pode contribuir para o processo de individuação pela sua atuação na força vital aumentando-a, conseqüentemente equilibrando os sintomas manifestados. A homeopatia trata através dos semelhantes, a partir da premissa *similia similibus curentur*.

Isto quer dizer que os conteúdos emocionais, como os descritos acima, podem ser equilibrados pela atuação do medicamento homeopático devido a similitude dos sintomas.

O medicamento corresponde aos sintomas da totalidade do indivíduo. O medicamento administrado será obtido através da compreensão do sofrimento do paciente, suas queixas, o que move sua personalidade, sua atitude reativa, suas ansiedades, o que conhece sobre si mesmo, seus desejos, seus planos, o que quer da vida.

Encontrei semelhança entre a descrição da personalidade homeopática Pulsatilla e a descrição do indivíduo que sofre influência do aspecto negativo do complexo materno descrito por JUNG, como já citado, e com a personalidade da Puella, mas a confirmação do remédio e sua administração seria mediante uma seleção e repertorização dos sintomas, livre de julgamento, a partir da expressão afetiva do paciente e da totalidade de seus sintomas.. Uma vez confirmado, o remédio atuaria aumentando a força vital, equilibrando o conteúdo emocional, despotencializando a energia do complexo ativado. No caso em questão haverá um equilíbrio na dependência emocional e carência afetiva, que fará com ela se observe, se conheça, a partir de não estar sob a influência destes sentimentos. Com o equilíbrio energético, os conteúdos inconscientes se manifestam e o potencial positivo da sombra, de

autonomia e de independência poderão ser integrados, dando início à sua transformação, a partir dos novos conteúdos emocionais, anteriormente não percebidos.

O remédio homeopático atua neste nível, devido a sua propriedade energética, a partir da sua diluição e dinamização. A energia vital é semelhante á energia psíquica descrita por JUNG, que flui no processo psíquico. JUNG ampliou a teoria da libido (C.W 5 p.120), que era mencionada anteriormente apenas como sexual, e percebeu que a libido flui entre os opostos, e que a psique possui um centro regulador em que a energia movimenta-se em polos opostos, ou seja, quando a libido atinge um polo, transforma-se no contrário. Por exemplo, se uma pessoa apresenta uma cólera violenta, logo em seguida haverá uma calma. O remédio homeopático administrado à uma pessoa com cólera violenta atuará despotencializando essa energia e o paciente sentirá calma e tranquilidade. A libido tem movimentos de recuo e avanço, ora no consciente, ora no inconsciente e dão força às emoções dos complexos, aumentando a intensidade do processo psíquico.

Selecionei dois casos clínicos para observação da ação de Pulsatilla: O primeiro caso é de uma paciente feminina de 28 anos que apresentou um aumento de peso considerável (8kg) em 4 meses, por estar comendo compulsivamente, com episódios de choro frequente, involuntário, que melhorava por consolo, com sentimentos de abandono e falta de apoio após pedido de divórcio do marido, considerado por ela como seu protetor e defensor. Ela não conseguia ficar sozinha e precisava do afeto das pessoas. Após a compreensão dos sintomas afetivos da paciente, foram repertorizados os seguintes sintomas:

- 1.Abandono- Não se sente amada (14r)
- 2.Abandono- Sozinha (18)
- 3.Consolo melhora (18r)
- 4.Afeto- necessidade de (3r)
- 5.Desamparo (88r)

6. Impulso mórbido - comer (59r)

Administrado Pulsatilla 1SD dose única . Houve melhora de todos os sintomas, da avidez por comida, do choro involuntário, referindo a paciente “sentir-se mais forte”. Admitiu para si mesma o fim do relacionamento, baseado em dependência. Sente-se mais tranquila, além de ter melhorado seu empenho no trabalho como professora em uma escola.

Observa-se que desaparece o núcleo de sofrimento, a partir do equilíbrio energético das emoções, e que o acompanhamento é necessário para observar e remover as agravações, a dinâmica miasmática e da pessoa.

Acredito que a análise junguiana é complementar a esse método terapêutico e vice-versa. A análise permite a auto-observação, a crítica construtiva de si mesmo, com compassividade, para possibilidade de integração de todos os conteúdos de potencialidades possíveis de serem realizados.

Um Segundo caso: Paciente de 59 anos, com queixa de choro frequente, piora quando só, não se sente amada pelos filhos e pelo marido, necessitando estar perto deles e ter demonstração de carinho. Tem vertigem com cefaléia, cefaléia com esforço mental, sem sede. PA 170/100 UT.

Repertorizados os sintomas:

1. Abandono-não se sente amada (18r)
2. Afeto – necessita (3r)
3. Choro frequente (34r)
4. Cefaléia por esforço mental (58r)
5. Vertigem com cefaléia (55r)
6. Sede-sem (90r)

Medicada com Pulsatilla 1SD dose repetida. Houve melhora do choro, do sentimento de abandono e dos sintomas psicossomáticos. A pressão arterial normalizou mantendo-se em

150/90 UT. Foi mantido o medicamento continuamente, pois neste caso já existe uma doença crônica severa instalada que é a hipertensão. A paciente apesar de sentir-se bem, poderá ter recidiva até iniciar um processo de auto-conhecimento e um movimento de desejo de mudança.

A relação médico-paciente deverá ser mantida de forma construtiva, com observação e acompanhamento da evolução dos sintomas, que significado possuem, que atitude vital de mudança iniciou, se aumentou a capacidade amorosa ou se desenvolveu altruísmo.

A análise junguiana e a homeopatia são complementares e beneficiam o indivíduo no seu desenvolvimento psíquico. Ambos os métodos despotencializam a energia de um complexo autônomo, com a ação do remédio e com a conscientização da análise. Vivenciar o conteúdo do complexo faz parte do processo de auto-conhecimento, não se pode viver um bem-estar contínuo, mas a possibilidade de percepção do conteúdo emocional e a não permanência na influência do complexo, facilita a integração destes conteúdos que leva à mudança e ao início do processo de individuação.

5. CONCLUSÕES

O Homem é um ser psíquico, espiritual e biológico, envolvido por uma força energética vital que mantém sua vida em harmonia. Essa energia permite sua interação com o meio psicológico através de relações inter-pessoais. O Homem possui uma suscetibilidade psórica ou arquetípica, própria da espécie humana para desenvolver suas potencialidades que se concretizam durante toda sua existência.

Uma atitude correta consigo mesmo é determinante para o equilíbrio e a saúde, mas também é verdade que ninguém pode evitar conflitos, decepções, depressões e que os complexos emocionais, com todos os seus conteúdos são fundamentais para a construção de uma personalidade.

Uma visão holística, como a homeopática, vê a mente e o corpo como expressão de vida de um ser individual, assim como para a psicologia analítica, o confronto com situações arquetípicas com padrões humanos como a dependência emocional, o amor, o complexo de pai e mãe, citados neste trabalho, nos dão capacidade de desenvolver uma personalidade única com toda força pessoal a ser manifestada e desenvolvida ao longo da vida.

Assim, a homeopatia e a psicologia analítica são métodos terapêuticos semelhantes que se complementam, pois tem a mesma finalidade que é buscar a totalidade do Homem, a partir da relação consciente e inconsciente e da integração dos traços da personalidade desconhecidos. O miasma mencionado na doutrina homeopática é similar ao arquétipo do pensamento junguiano. O miasma é arquetípico. Ambos são tendências universais, energéticas, não explicáveis, que pertencem a todos mas que ao se manifestarem adquirem caráter pessoal e individual, de acordo com as tendências e experiências de cada um. Os

sintomas homeopáticos selecionados após a compreensão do caso clínico são as expressões afetivas do paciente, que se referem aos conteúdos dos complexos de tonalidade afetiva mencionados por JUNG. A partir disso é possível o equilíbrio da energia vital ou psíquica, porém sem preconceitos, sem rótulos, ajudando o indivíduo a observar-se a conhecer-se e a transcender o que é necessário para sua transformação e plenitude .

6. APÊNDICE

PULSATILLA

Planta da família das Ranunculáceas, cresce na Europa em colinas elevadas e descobertas. Tem a flor frágil, com caule flexível, que sofre influência dos ventos, por isso é conhecida como flor dos ventos. A flor tem uma aparência delicada, de cor pastel, rosa-violeta, até violeta escuro, quase preto. As diferentes dinamizações são preparadas a partir da tintura mãe, obtida por maceração de toda a planta no momento da floração.

A experimentação toxicológica e as observações clínicas permitem traçar um quadro dinâmico característico quanto aos sintomas mentais e físicos.

Tem ação eficaz no trato respiratório em que há presença de escarro espesso, purulento, amarelo-esverdeado, com tendência à cronicidade, com ação nas bronquites, sinusites, otites e asma; Grande remédio das leucorréias recidivantes em crianças, com ação eficaz no trato genital feminino e distúrbios menstruais; Ação congestiva sobre a circulação de retorno, varizes, agravadas pelo calor ambiente; Indicada nos casos de dispepsias principalmente pela ingestão de gorduras, com diarreia e colite; Um dos grandes sintomas de Pulsatilla é a ausência de sede em quase todos os seus transtornos, inclusive durante febre. Intolerância ao calor, sobretudo em locais fechados com sensação de sufocação e cefaléias congestivas.

No centro desse remédio predomina o sentimento de abandono, um vazio espiritual e solidão afetiva, com a fantasia <<sensação de que está só no mundo, abandona

do, esquecido>>>. Há uma extrema variabilidade dos sintomas; estados contraditórios e alternantes, ou seja, os pacientes não apresentam o mesmo sintoma duas vezes em seguida. Tudo muda e é variável. Esta variabilidade pode vir de sua extrema sensibilidade ao exterior em que o menor estímulo produz uma grande mudança interna, tanto física como mental.

Pulsatilla tem um caráter passivo, dócil, dependente, maleável e influenciável, como a flor dos ventos que se dobra de acordo com o vento, como se não tivesse vontade própria, uma identidade precisa. Necessita afeto e demonstrações concretas como beijos, abraços e mimos. Sua reação será de dependência por necessidade de afeto e com isso, será possessiva do amor conquistado.

Desenvolve lealdade de quem depende, com graus de ternura e obediência até alcançar graus extremos de submissão e servilismo. Emotiva, chora facilmente, drenando suas tensões, que aliviam. Choro por tudo e por todos, motivos alegres e tristes, sem causa e involuntariamente. Tímida, envergonhada, medrosa, insegura, tem aversão aos negócios e inaptidão para finanças. Seus temores revelam sua vulnerabilidade e fragilidade natural; tem temor de estar só, de ser humilhada, temor da opinião dos outros, ao escuro, de fantasmas, ao anoitecer, temor do mal e do demônio, temor da loucura, de doenças, de ter um derrame, da asfixia. Medos antropofóbicos de homens, mulheres e multidões, se há um predomínio da sua falta de confiança; temor de lugares estreitos (claustrofobia), lugares públicos (agorafobia).

A irritabilidade pode estar presente alternando com sua atitude habitual de amabilidade, principalmente ao despertar, antes da menstruação, depois de comer ou em ambientes quentes. Pode estar irritada em relação aos seus caprichos.

As perdas, fracassos e frustrações se não “trabalhadas”, podem ir minando sua personalidade e resistência até um pólo destrutivo, com manifestações perturbadoras; Uma deterioração mental com distrações, erros ao escrever ou falar, concentração difícil, embotamento e confusão mental até prostração, com aversão ao trabalho

mental; Afecções religiosas com conclusões místicas acerca de seu destino, reza pela sua salvação e sua alma, fanatismo, escrúpulo religioso excessivo, aversão religiosa ao sexo oposto, insanidade religiosa; Transtorno ilusório com fantasias e alucinações: ilusão que está abandonada, que sempre está só, que está condenada, que é perseguida por inimigos, que está rodeada de estranhos, Vê gente, vê um homem nu em sua cama, vê diabos e que vai ser levada por ele; O esgotamento de suas reservas pode levar a depressão melancólica, com descuido de seus deveres, auto-reprovação e remorsos, desgosto por tudo, com pensamentos persistentes, geralmente a noite. Torna-se triste, indolente, indiferente ao prazer, ao trabalho e finalmente a tudo. Permanece calada e quieta, cansada da vida. Pensa na morte como solução e tem pensamentos suicidas afogando-se; Simbolicamente pode significar um desejo de retorno ao ventre materno?.

Toda a existência de Pulsatilla poderá se desenrolar a partir da relação mãe-filha indicando sua fragilidade e o grau de sua autonomia afetiva. Uma hiperproteção materna pode ocultar uma rejeição carregada de culpa, que está na origem do comportamento compensador invertido. Isso só faz com que a sensação de abandono que essas crianças sentem se agrave enquanto são superprotegidas. A vida toda Pulsatilla terá medo de todas as separações de sua mãe, ou seja, do que é materno, envolvente e protetor. Qualquer mudança ou perda, divórcio, nascimento de um irmão, fará reviver o sentimento de ser abandonada. Porém não podemos confundir que não é a privação do amor maternal que criou o conjunto de sintomas somáticos e psíquicos que os homeopatas chamam Pulsatilla, mas os sintomas característicos experimentais são “semelhantes”, “homeopáticos” à Pulsatilla, observados em tais privações.

A criança Pulsatilla é hipersensível ao meio, chora se não é prontamente atendida, é agarrada à mãe, reclama constantemente de carinho, quer ser carregada, necessita contato físico, quer dar a mão. È afetuosa, porém necessita mais receber do que dar. Gentil, atrativa,

tem amor por animais, compassiva, sensível às infelicidades dos outros, porém, sem se colocar no lugar deles. Egoísta, invejosa, ciumenta, possessiva. Impressionada por histórias tristes, que dão medo, por más notícias. Timidez acentuada, enrubesce muito e facilmente. Intensa emotividade, não fala sem chorar, medo de desagradar. Uma característica importante, Key note, é que todos os seus sintomas melhoram pelo consolo que permite ser um suprimido de afeto substituto se os da família são ausentes.

7. BIBLIOGRAFIA

1. BRANDÃO, J. Mitologia grega – vol 1. Editora Vozes. Petrópolis, Rio de Janeiro, 1999.
2. DOWNING, C. Espelhos do Self – Editora Cultrix. São Paulo, 1991.
3. HAHNEMANN, S. Doenças Crônicas – Tradução da 2ª edição alemã de 1835. 5ª edição brasileira. Editora Gehsp. São Paulo, 1999.
4. HAHNEMANN, S. Organon della medicina – 6ª edição 1990.
5. HALL, J. A experiência Junguiana – Análise e individuação. Cultrix, São Paulo, 1986.
6. JUNG, C.G. CW vol.9/1 Os Arquétipos e o inconsciente coletivo- Editora vozes. Petrópolis, Rio de Janeiro, 1987.
7. JUNG, C.G. CW vol.7/2 O eu e o inconsciente- Editora vozes. Petrópolis- Rio de Janeiro, 2000.
8. KAST, V. Pais e filhas , mães e filhos- Editora Loyola- São Paulo, 1997.
9. ROMANACH, A. K. Homeopatia em 1000 conceitos - Elcid- Rio de janeiro, 1993
10. SANTOS, A R. Metodologia científica - DpeA – Rio de Janeiro, 2002.
11. WHITMONT, E. A busca do símbolo - Cultrix – São Paulo.
12. WHITMONT, E. Psique e substância - A homeopatia à luz da psicologia Junguiana- Summers editorial- São Paulo, 1989.

